

Preferência do empresariado paulista vai para Fernando Collor

HELOISA ARRAES

SÃO PAULO — Nem só de alianças com políticos vivem os candidatos à Presidência da República. Nesta semana, além de começarem a alinhar apoios políticos, os candidatos vão atacar uma outra frente, não menos importante, em busca do fortalecimento de suas candidaturas:

os empresários. Fernando Collor de Mello terá pouca dificuldade para conseguir esse apoio, já que a maioria dos empresários deve votar no candidato do PRN. Lula, porém, terá que suar camisa para convencer a classe empresarial de que seu Governo não será prejudicial aos interesses da iniciativa privada.

A idéia de que os empresários

abandonarão o País se Lula for eleito está definitivamente abandonada. Mas há empresários que acreditam que, mesmo sem vencer a eleição, Lula será o responsável por certa estagnação nos investimentos.

O Diretor do Departamento de Estatística da Fiesp, Carlos Eduardo Uchôa Fagundes, que dá como certa a vitória de Collor, prevê normalida-

de para os investimentos produtivos e diz que estes deverão continuar no mesmo ritmo até que o novo Governo defina obras de infra-estrutura.

Para Emerson Kapaz, Presidente do Sindicato da Indústria de Instrumentos Musicais e de Brinquedos do Estado de São Paulo — que ainda não decidiu em que candidato votará — qualquer que seja o eleito, sua

atuação estará limitada dentro dos parâmetros definidos pela Constituição e, portanto, nenhum dos dois apresenta perigo. Kapaz lembra ainda que a grande vantagem desse segundo turno é a possibilidade de negociação entre os candidatos e os diversos segmentos da sociedade.

Para o empresário Edson Fregni, Presidente da Associação Brasileira

da Indústria de Computadores e Periféricos (Abicomp), o novo Governo, seja ele qual for, vai conseguir bons efeitos no curto prazo como consequência do voto de confiança que a sociedade lhe dará. Fregni, que votou em Brizola e votará em Lula no segundo turno, acredita, porém, que a médio prazo a política econômica a ser implantada por Collor de Mello tenderá a ser mais concentradora.